

sem ar

Também de Jennifer Niven:

Por lugares incríveis (2015)

Juntando os pedaços (2016)

JENNIFER NIVEN

Sem ar

Tradução

ALESSANDRA ESTECHE

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2020 by Jennifer Niven

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's Books, uma divisão da Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A citação de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, foi retirada da edição da Biblioteca Azul (São Paulo, 2012), com tradução de Cid Knipel.

TÍTULO ORIGINAL *Breathless*

CAPA Alison Impey

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Tito Merello, sobre foto de MotionWorksFilmStudio

PREPARAÇÃO Luisa Tieppo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Jasceline Honorato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Niven, Jennifer

Sem ar / Jennifer Niven ; tradução Alessandra Esteche. —
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2021.

Título original: *Breathless*.
ISBN 978-85-5534-133-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-56247

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

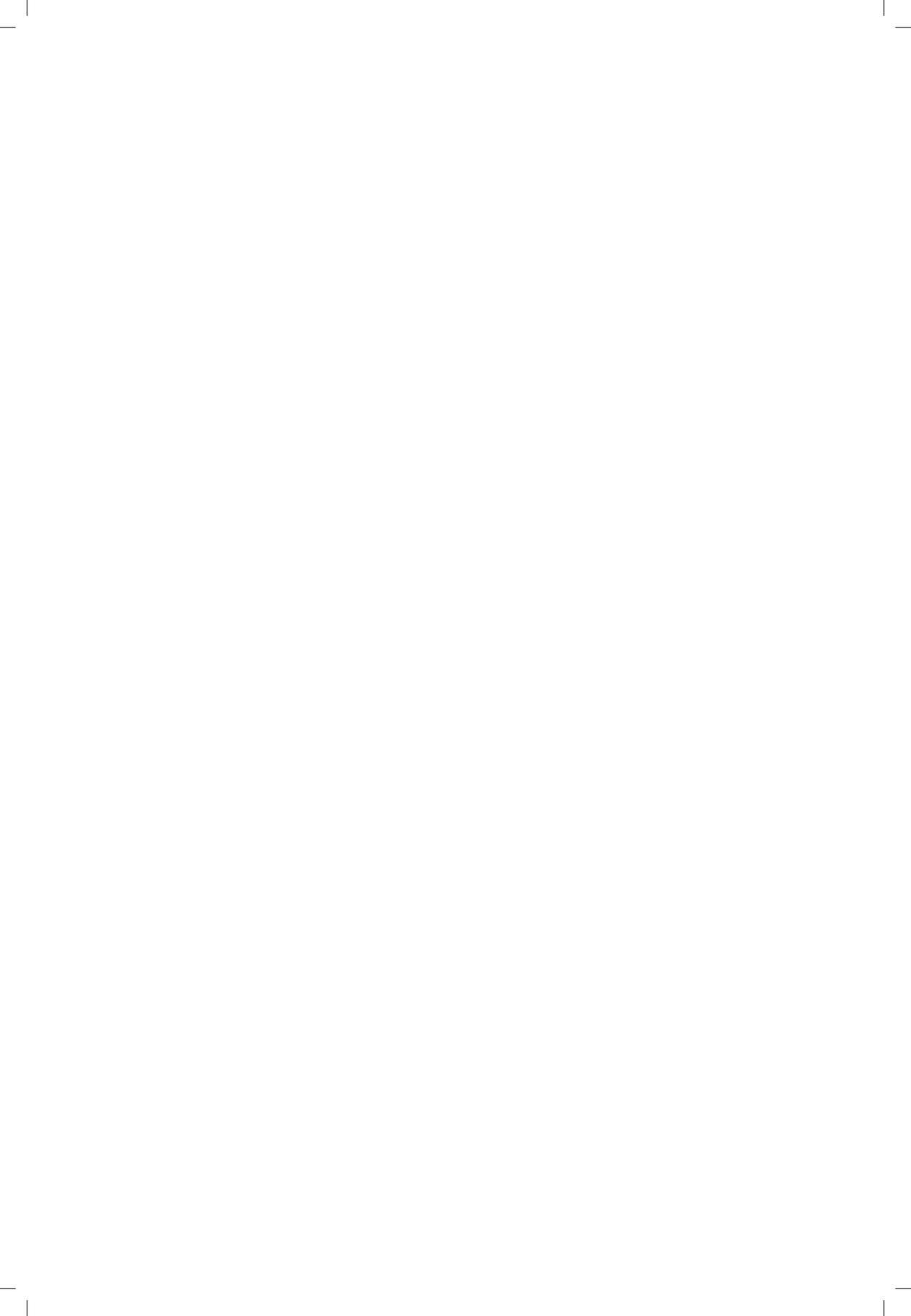
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

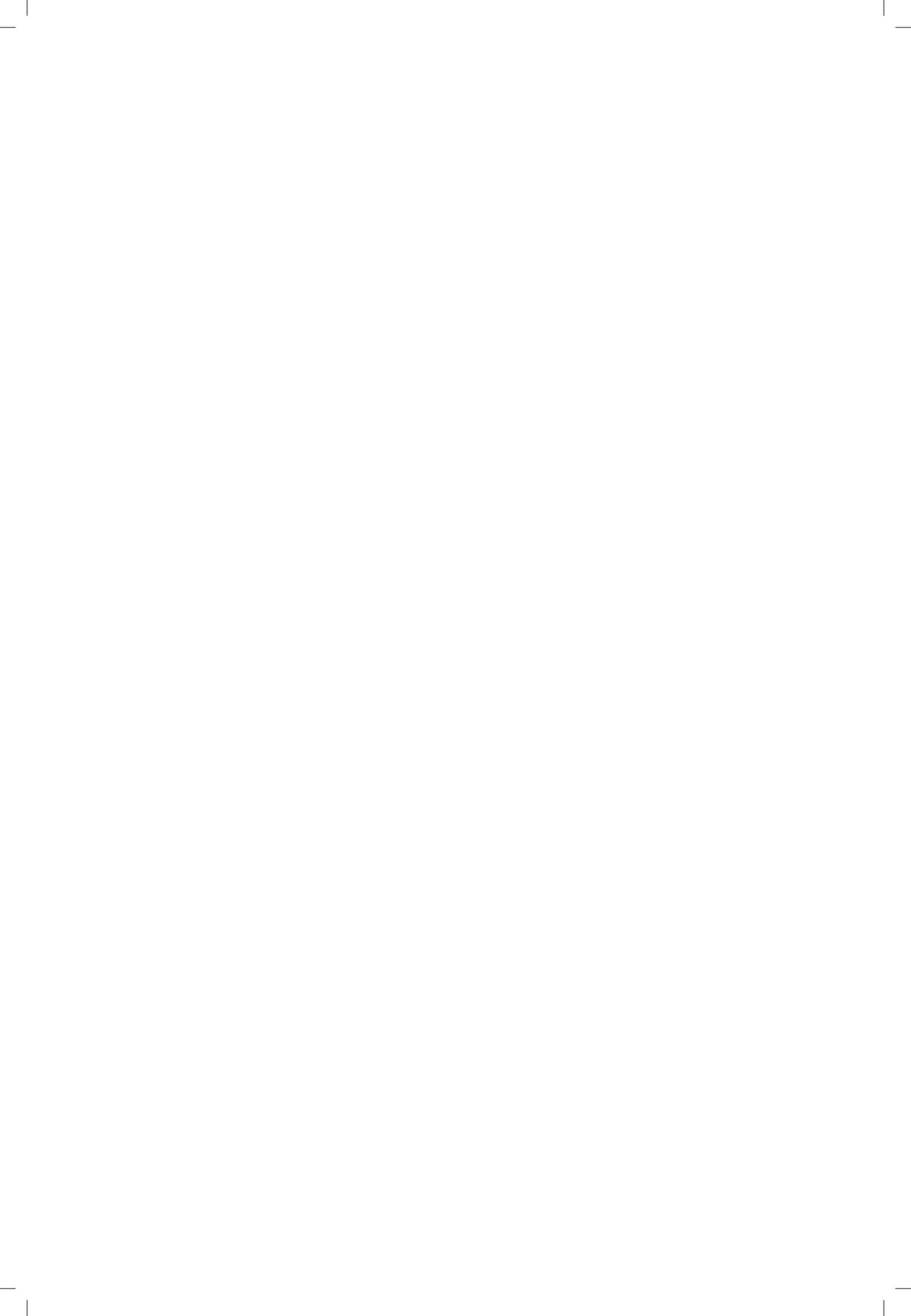
contato@seguinte.com.br

*Para Justin,
o Jeremiah Crew da vida real.
Eu te amo mais do que as palavras são capazes de expressar.*



*Ninguém nunca mediu,
nem mesmo os poetas,
quanto um coração é capaz de conter.*

Zelda Fitzgerald



Você foi meu primeiro. Não só no sexo, ainda que tenha sido uma parte importante, mas o primeiro a olhar além de todo o resto e enxergar dentro de mim.

Alguns nomes e lugares foram trocados, mas a história é verdadeira. Está tudo aqui porque um dia isso vai estar no passado, e não quero esquecer o que passei, o que eu pensava, o que eu sentia, quem eu era. Não quero esquecer você.

Mas, acima de tudo, não quero esquecer de mim.



MARY GROVE, OHIO



8 DIAS PARA A FORMATURA

Abro os olhos e estou enrolada nos lençóis, livros abertos virados para baixo no chão. Sei sem olhar para o relógio que estou atrasada. Pulo da cama com um pé ainda emaranhado no lençol e caio de cara no chão. Fico deitada ali um pouco. Fecho os olhos. Me pergunto se posso fingir um desmaio e convencer minha mãe a cancelar o dia de hoje e ficar na cama.

É tranquilo no chão.

Mas o cheiro é meio ruim. Abro um olho e vejo algo esmigalhado no tapete. Um dos petiscos do Dandelion, talvez. Viro a cabeça para o outro lado e melhora um pouco, mas de repente ouço uma buzina lá fora, e é meu pai.

Então agora estou de pé, porque ele vai continuar apertando aquela buzina idiota até eu entrar no carro. Não encontro um dos livros e nem um dos sapatos, e meu cabelo está errado e minha roupa está errada e basicamente *eu* estou toda errada. Eu devia ter nascido na França. Se eu fosse francesa, tudo estaria certo. Eu seria chique e descolada e iria de bicicleta para a escola, uma bicicleta com cestinha. Eu saberia andar de bicicleta, para começar. Se eu morasse em Paris, e não em Mary Grove, Ohio, essa sapatilha combinaria melhor com essa saia, o tom de vermelho do meu cabelo não seria tão alaranjado — como um tomate desbotado — e de alguma forma eu faria mais sentido.

Me arrasto até o quarto dos meus pais vestindo saia e a parte de cima de um biquíni, o preto que comprei com a Saz mês passado, que

pretendo usar o verão todo. Todos os meus sutiãs estão para lavar. O guarda-roupa da minha mãe é arrumado, mas não tanto quanto do meu pai, que é todo preto, cinza, azul-marinho, tudo organizado por cor porque ele é daltônico e assim não precisa ficar o tempo todo perguntando “Isso é verde ou marrom?”. Reviro a prateleira de cima e depois as gavetas da cômoda, procurando a camiseta que quero: a vintage do Nirvana de 1993. Sempre roubo essa camiseta e ele sempre rouba de volta, mas agora não a encontro em lugar nenhum.

À porta, dou um grito pelo corredor, lá para baixo, para minha mãe.
— Cadê a camiseta do Nirvana do papai?

Já decidi que é isso que quero usar hoje, sem segunda opção.

Espero dois, três, quatro, cinco segundos, e minha única resposta é mais uma buzinação. Corro até meu quarto e pego a primeira camiseta que vejo, apesar de não ir com ela para a escola desde o primeiro ano. Miss Piggy com brilhos.

Na entrada de casa, minha mãe diz:

— Eu vou te buscar se a Saz não puder te trazer.

Minha mãe é uma escritora ativa e conhecida — romances históricos, não ficção, qualquer coisa que tenha a ver com história —, mas sempre tem tempo para mim. Quando nos mudamos para esta casa, transformamos o quarto de hóspedes em um escritório para ela, e meu pai passou dois dias instalando prateleiras do chão ao teto para guardar as centenas de livros de pesquisa que ela tem.

Minha cara deve estar me entregando, porque ela coloca as mãos nos meus ombros e diz:

— Ei. Vai ficar tudo bem.

Ela está falando sobre minha melhor amiga, Suzanne Bakshi (mais conhecida como Saz), e eu, que sempre vamos ser amigas apesar da formatura e da faculdade e de toda a vida que está por vir. Sinto um pouco de sua energia calma e vibrante pousar sobre meus ombros, como um pássaro em uma árvore, e derreter pelos meus braços, entrando em meus

membros, em meu sangue. É uma das várias coisas que minha mãe faz muito bem. Ela faz todo mundo se sentir melhor.

No carro, meu pai está com a camiseta do Radiohead por baixo do paletó, o que significa que a do Nirvana está para lavar. Faço uma nota mental de surrupiá-la quando chegar em casa para usar na festa hoje à noite.

Durante os primeiros três ou quatro minutos, não conversamos, mas isso também é normal. Ao contrário da minha mãe, meu pai e eu não funcionamos bem pela manhã, e a caminho da escola gostamos de manter o que ele chama de “silêncio amigável”, que Saz se recusa a respeitar, motivo pelo qual não vou com ela.

Olho pela janela para as nuvens pretas e baixas que se reúnem como em um funeral, na direção da faculdade onde meu pai trabalha na administração. Não há previsão de chuva, mas parece que vai chover, e fico preocupada com a festa de Trent Dugan. Geralmente passo os fins de semana com a Saz, dirigindo pela cidade, procurando alguma coisa para fazer, mas este vai ser diferente. A última festa oficial do último ano e tal.

Meu pai passa direto pelo colégio, pela ponte da rua principal, e entra no centro de Mary Grove, aproximadamente dez quarteirões de lojas enfileiradas diante das ruas de paralelepípedo, mais conhecidos como Passeio. Ele para na esquina mais a oeste, onde a rua dá lugar ao calçadão e às fontes. Ele sai e corre até a confeitaria Joy Ann enquanto eu mando uma foto da fachada para Saz. **Quem é sua pessoa favorita?**

Em um segundo, ela responde: **Você.**

Dois minutos depois, meu pai volta correndo para o carro, com os braços erguidos acima da cabeça em uma espécie de dança da vitória ridícula, saquinho de papel branco na mão. Ele entra, bate a porta e me joga o saquinho com o de sempre — um cupcake de chocolate para Saz e meio quilo de amanteigados com geleia para nós dois, que deveramos a caminho do colégio. Nosso ritual matutino secreto desde que eu tinha doze anos.

Enquanto como, olho para o céu nublado.

— Talvez chova.

Meu pai diz:

— Não vai chover.

Exatamente como disse “Ele não vai bater em você”, sobre Damian Green, que ameaçou socar minha boca no terceiro ano do fundamental porque eu não deixava que ele colasse de mim. *Ele não vai bater em você*, o que queria dizer que, se necessário, meu pai iria até a escola e socaria Damian ele mesmo, porque ninguém ia mexer com a sua filha, nem mesmo um menino de oito anos.

— Pode acontecer — eu disse, só para poder ouvir de novo o tom de proteção em sua voz. É uma proteção que me faz lembrar de quando eu tinha seis ou sete anos, e ia para toda parte sentada em seus ombros.

— Não vai — ele diz.

Na primeira aula, de escrita criativa, o professor, sr. Russo, pede que eu fique depois da aula para dizer:

— Se você quer mesmo escrever, e acredito que queira, vai ter que colocar tudo para fora, para que o leitor possa sentir o que você sente. Você parece estar sempre se segurando, Claudine.

Ele diz coisas boas também, mas é disso que eu vou lembrar — que ele não acha que eu seja capaz de sentir. É engraçado como as coisas ruins ficam com você e as boas às vezes se perdem. Saio da sala e digo a mim mesma que ele nem imagina quem eu sou ou do que sou capaz. Ele não sabe que já estou escrevendo meu primeiro romance e que vou ser uma escritora famosa um dia, que minha mãe me deixa ajudá-la com os projetos de pesquisa desde que eu tinha dez anos, o mesmo ano em que comecei a escrever contos. Ele não sabe que na verdade eu coloco tudo para fora, sim.

A caminho da terceira aula, Shane Waller, o garoto com quem estou saindo há quase dois meses, me encurrala em frente ao meu armário e diz:

— Passo pra te pegar antes da festa do Trent?

Shane é cheiroso e sabe ser engraçado quando quer, os principais motivos para eu estar com ele — além dos meus hormônios. Respondo:

— Eu vou com a Saz. Mas encontro você lá.

Shane aceita de bom grado, já que desde os meus quinze anos meu pai é famoso por deixar os garotos com quem eu saio esperando do lado de fora, mesmo no auge do inverno rigoroso de Ohio. Porque ele já foi um garoto adolescente e sabe o que se passa pela cabeça deles. E porque ele gosta de garantir que *eles* saibam que *ele* sabe exatamente o que estão pensando.

Shane diz:

— Te vejo lá então, linda.

E, para provar a mim mesma e ao sr. Russo e a todo mundo no colégio Mary Grove que eu sou uma pessoa de verdade, que vive e sente, faço uma coisa que nunca faço — dou um beijo nele, bem ali, no meio do corredor da escola.

Quando nos afastamos, ele se aproxima e sinto sua respiração na minha orelha.

— Não vejo a hora.

E eu sei que ele acha — espera — que vamos transar. Há dois meses está na expectativa de que eu finalmente decida que meus dias de virgem acabaram e “me entregue logo para ele”. (Palavras dele, não minhas. Como se por algum motivo minha virgindade pertencesse a ele.)

Conto isso para a Saz na hora do almoço, e ela solta uma gargalhada estrondosa e ensandecida, a cabeça jogada para trás, o cabelo escuro balançando, e levanta a garrafinha de água fazendo um brinde.

— Boa sorte para você, Shane!

Porque nós duas sabemos que só tem um garoto em Mary Grove, Ohio, com quem quero ter minha primeira vez, e não é Shane Waller. Embora eu diga a mim mesma que quem sabe um dia ele vai falar algo tão, mas tão engraçado, e eu vou ficar tão alucinada pelo cheiro do seu pescoço, que vou mudar de ideia e dormir com ele afinal. Só porque não acho que Shane seja a pessoa certa não significa que eu não *quero* que ele seja.

Digo uma versão disso em voz alta.

— Nunca se sabe. Às vezes ele é bem engraçado.

Saz diz:

— É, de vez em quando ele é engraçado.

Ela junta o cabelo — pesado e liso e o carma de sua vida — no alto da cabeça e segura ele ali. Está sempre cortando e deixando crescer, cortando e deixando crescer.

— Seria tão ruim assim se Shane fosse meu primeiro?

Nossa amiga Alannis Vega-Torres se joga na cadeira ao meu lado.

— Sim.

Ela tira um refrigerante e uma barrinha de proteína da mochila e joga uns prendedores de cabelo para Saz.

— Aliás, não conta como perda da virgindade se o seu hímen não se romper. Eu sangrei litros na minha primeira vez.

— Isso não é verdade — respondo. — O hímen não se rompe. Isso é um mito dos grandes, baseado em ignorância. Nem todo mundo sangra, e além do mais, nem todo mundo tem hímen. Não seja tão heteronormativa. A virgindade é uma construção social idiota criada pelo patriarcado.

Saz levanta a mão e eu bato. Por mais que eu acredite nisso completa e absolutamente, ainda assim estou desesperada para transar. Tipo, *agora*.

Nossa outra amiga, Mara Choi, se joga na cadeira em frente a Alanis, o casaco abotoado errado, absorventes e brilho labial caindo da mochila porque — exceto quando está diante da avó tradicional coreana — ela vive em um estado de caos constante. Ela desaparece embaixo da mesa, juntando as coisas que caíram. Lá de baixo, diz:

— Curiosidade: vocês sabiam que dá para encomendar himens pela internet? Tem um lugar chamado Loja do Hímen que diz que consegue restaurar sua virgindade em cinco minutos.

Ela reaparece na cadeira, pega o celular e começa a pesquisar imediatamente.

— Que merda é essa?

Saz revira os olhos para mim, como quem diz *Essas duas*.

Olho para ela como quem diz *Eu sei*, e Mara começa a ler o site da Loja do Hímen.

— Aqui diz que eles utilizam uma tinta de uso médico que é igualzinha ao sangue humano. Ah, e eles são “a marca original e mais confiável de hímens artificiais”.

— Que fama incrível de se ter — Saz diz.

— Isso não é nada — Alannis diz. — Eu li em algum lugar que na China as garotas pagam setecentos dólares em cirurgias de reconstrução do hímen.

Paro de comer porque, por mais obcecada por sexo que eu esteja, a ideia de que é possível precificar a virgindade é, para dizer o mínimo, maluca. Digo:

— Todo esse conceito é tão antiquado. Como se o sexo de pênis com vagina fosse a única coisa que importa. Cerca de vinte por cento dos americanos se identifica como *outra* coisa que não completamente hétero, então por que ainda nos concentramos tanto na primeira vez de uma *mulher* com um *homem*? E por que a virgindade de uma garota é tão importante, afinal? As pessoas não ligam quando caras héteros transam. É só comemoração e “Agora você é homem”. Ninguém fica nervoso, procurando peças de reposição na internet.

Saz solta uma risada. Estou a todo vapor.

— E tem mais. Vocês já pensaram no modo como as pessoas falam da virgindade? Como se fosse *dos outros*? Uma pessoa “tira” a virgindade da outra, e de repente é algo dela. Como se fosse uma coisa que entregamos aos outros, uma coisa que não nos pertence. Ela *perdeu*. Ela *deu*. *Tirar* a virgindade dela. *Deflorar*...

— *Deflorar*? — Mara olha para mim por cima do celular. — Quem fala *deflorar*?

— Virgens. — Alannis levanta as sobrancelhas tiradas à perfeição para mim. Alannis Gyalene Catalina Vega-Torres transa desde o nono ano.

— Por que você sempre coloca o foco só em mim?

Faço um aceno em direção à Saz, minha parceira na virtude. Quando tínhamos dez anos, Saz e eu prometemos celebrar todos os marcos da vida ao mesmo tempo, incluindo se apaixonar e ter o primeiro relacionamento de verdade — o que, é claro, incluiria sexo —, para que uma nunca deixasse a outra para trás. Era nosso jeito de garantir que sempre seríamos prioridade uma da outra e nunca deixaríamos que ninguém ficasse entre a gente. Alannis acaricia meu braço como se eu fosse uma pobre criança confusa.

Mara volta a olhar para o celular.

— Custa só trinta dólares “voltar no tempo e fazer a fama na cama”. Essa é a gota d’água. Ficamos descontroladas.

Saz exclama:

— Um brinde a fazer a fama na cama!

E nós quatro brindamos com as latas e garrafas.

Em seguida esquecemos os himens artificiais e a virgindade e ficamos assistindo Kristin McNish atravessar o refeitório como se fosse uma campanha de saúde pública perfeitamente cronometrada, com o queixo erguido e uma protuberância inconfundível na barriga.

Em casa, vasculho as roupas na lavanderia, mas a camiseta do Nirvana não está em lugar nenhum. Encontro um vestidinho preto no chão do meu quarto e me contento com a camiseta do Ramones do meu pai, que jogo por cima do vestido. Para o jantar, minha mãe e eu pedimos pizza porque meu pai tem um compromisso de trabalho e ele é o chef da família, especialista em refeições elaboradas harmonizadas com músicas temáticas e vinho. Saz ama comer na minha casa porque quase sempre é um evento, mas eu amo comer na dela. Os Bakshi comem no balcão da cozinha ou em frente à tv — delivery, lanche ou macarrão instantâneo com queijo, a melhor coisa do mundo, algo que nunca como em casa a não ser que eu mesma prepare. Meu pai se recusa a cozinhar qualquer coisa que exija a adição de um pó alaranjado.

Quando abro a porta para o cara da entrega, que a Saz chama de Encapetado, embora o nome dele seja Matthew e ele não tenha nada de capeta, mando um:

— Ah, oi! Tudo bem?

Do jeito mais sedutor possível.

Ele responde:

— Não tinha mais refrigerante de gengibre, então eu trouxe Sprite.

Naquela noite, deitado no celeiro de Trent Dugan, com Shane Waller em cima de mim, os sentidos aguçados, perdida no calor de sua pele e no cheiro de seu pescoço. Pensando *Talvez este seja o momento. Talvez eu perca aqui, agora.*

Essa é a melhor parte de dar uns pegos em alguém. A possibilidade de ser minha primeira vez. Luzes. Música. O amor chovendo sobre nós. Não que eu seja lá muito experiente, principalmente em comparação à Alannis. Oficialmente já bati algumas punhetas e fiz três ou quatro boquetes sem sucesso, tive cinco orgasmos e meio — sem contar os que tive sozinha — e fiquei com três garotos. Incluindo este.

Shane me beija, e as mãos dele estão por toda parte — *Sim, penso, aí. Que delícia.* O beijo é só para me agradar, porque Shane, como muitos outros caras do colégio Mary Grove, gosta mais de todas as outras coisas do que de beijar. Seu objetivo, sempre, é tirar minha calcinha. Sei disso e ele sabe disso, e ele vai me beijar por um tempo só para chegar lá. E eu vou deixar porque ele é bom nisso, e eu amo beijar.

De repente ele está só me agarrando, mas funciona porque ele está tão claramente a fim de mim que eu começo a ficar a fim também.

Penso *Não deixe isso ir longe demais*, até enquanto o ajudo a abrir o zíper da sua calça. E voltamos a nos beijar, cada vez com mais intensidade até eu começar a ter a impressão de que ele vai aspirar minha língua e minha boca e meu rosto inteiro, e no momento eu quero que ele faça isso por causa de como meu corpo está pressionado contra o dele,

querendo sentir mais. Me sinto entregue e poderosa ao mesmo tempo.
O que você está esperando?

A língua do Shane está na minha orelha, mas eu ainda consigo ouvir a música lá fora. Risadas. Alguém gritando alguma coisa. No início minha reação é *Ah, meu Deus, sim*, mas aí a língua dele fica um pouco molhada demais e quase desenvolvo uma otite. Quero empurrá-lo e sacudir a cabeça para me livrar da saliva, mas de repente ele diz:

— Meu Deus, você é tão gostosa.

Não tenho fama de gostosa, então continuo o beijo por mais um tempo. Mas de repente não consigo superar o fato de estarmos nos pegando em um celeiro. No início pensei *Tá bom, até que é sexy e Ah, olha só para mim*, mas agora não sei muito bem se acredito nisso. Me imagino perdendo a virgindade com Shane Waller aqui nesse palheiro, mas por mais que eu já tenha imaginado minha primeira vez ocorrendo de várias maneiras, nunca foi em um celeiro.

Então ele dá um puxão na minha calcinha, afastando meus pensamentos. E somos apenas Shane e eu, quase nus em cima de toda essa palha, que pinica como pequenos lápis apontados. O engraçado é que não percebi a palha até agora porque estava tão envolvida na sensação da minha pele contra a de Shane, nos pequenos fogos de artifício brotando de nossos corpos, ameaçando colocar fogo no palheiro. Não é a primeira vez que fico seminua com Shane Waller, mas é a primeira vez em um celeiro. Me sinto bêbada, embora não esteja, e uma parte distante de mim se preocupa: se eu fico excitada em circunstâncias como esta — palha afiada me cutucando, colegas bêbados gritando lá fora —, provavelmente vou dormir com caras demais na faculdade. Porque dar uns pegas é muito divertido, mesmo quando não estamos apaixonados. Às vezes é só por causa da boca ou dos olhos ou das mãos dele ou do modo como todos trabalham juntos. Às vezes isso é o suficiente.

As mãos de Shane descem pelo meu corpo, e a parte racional e responsável de mim — a que está se guardando para um garoto chamado Wyatt Jones — volta a pensar na palha, o suficiente para me afastar dele,

embora meu corpo físico siga em frente. Tento me perder nele mais uma vez, mas as únicas coisas que consigo sentir são um milhão de lápis de palha entrando nas minhas costas e os fogos de artifício chegando ao fim até restarem apenas a fumaça e o cheiro distante de queimado.

De repente sinto algo duro e úmido na minha coxa, e me viro um pouco para que ele não consiga colocar dentro.

— Claude...

A voz dele é um borrão, como se ele estivesse fora de foco, e não gosto do modo como pronuncia meu nome, *Clóde*. De repente me sinto mal porque eu não ia mesmo transar com ele. Sempre acaba do mesmo jeito — ele gozando no ar, ou na camiseta, ou nele mesmo ou na minha perna.

Saz diz que eu me sinto segura na minha virgindade, como a Rapunzel em sua torre. Que eu solto o cabelo apenas o suficiente, aproveitando seu brilho ao sol e o modo como ele cega temporariamente o pobre coitado que está esperando lá no chão, antes de puxá-lo de volta e tirá-lo de alcance. E talvez eu me sinta mesmo segura na minha virgindade, não só porque estou me guardando para Wyatt Jones, mas porque minha vida é segura e Saz e eu somos melhores amigas e eu me dou bem com meus pais e não preciso provar nada para ninguém. O corpo é meu e eu posso fazer o que quiser com ele.

Shane olha para mim e seus olhos reviram e sua respiração está cada vez mais rápida, e ele trepa na minha perna como um cachorro. Seu rosto está meio iluminado pelo luar prateado que entra pela fresta da porta. Admito: ele é muito bonito e cheiroso. E por algum motivo parece gostar de mim. Pelo que ele pode perceber neste momento, ainda estou envolvida, ainda não pedi a ele que parasse ou o empurrei. Até que ele se afasta um pouco demais da minha perna e eu digo:

— Devagar aí, rapaz.

Ou ele vai falar para os amigos que eu só provoço, ou que transamos. Eu queria poder explicar que não tem nada a ver com provocar ou transar; tem a ver com a *possibilidade*. É o quase. É o *Talvez seja agora*, o *Talvez seja com ele*. Quero dizer *Por alguns minutos, você é mais que você*,

e eu sou mais que eu, e nós somos mais que este celeiro porque somos toda essa possibilidade e esse quase e esse talvez.

Mas não sou capaz de explicar o quase para um cara como Shane, então manobro a parte inferior do meu corpo para longe, e é quando ele geme e explode. Na parte interna da minha coxa. E é quando me desespero um pouco, porque posso jurar que sinto um pouco pingando dentro de mim, e viro rápido, empurrando-o para longe.

Ele geme mais uma vez e se joga no palheiro. Uso a camiseta dele para me limpar e desenrolo o vestido que está em volta dos meus ombros e coloco tudo no lugar e já consigo ouvir o que vou dizer a Saz, a gracinha que vou incluir na história só para ela: *Ao contrário de muitos dos nossos colegas aqui do interior, acho que não estou destinada a transar em um celeiro.*

Levanto e, só para falar alguma coisa, digo:

— Sabia que os alemães tinham uma palavra específica para um homem virgem? *Jüngling*. Não parece querer dizer exatamente o oposto?

Sou um almanaque de curiosidades sobre virgindade, principalmente em situações incômodas quando não sei o que dizer.

Shane diz, ainda deitado na palha:

— Sabe, você é como um monte de caixas, e sempre que eu abro uma tem outra maldita caixa dentro. É caixa depois de caixa, e não acho que alguém um dia vai conseguir abrir todas elas.

Ele levanta, veste a calça, veste a camiseta úmida e amassada.

Ele olha para a mancha e eu digo:

— Desculpa.

— É minha camiseta do Snoop Dogg. Meu Deus, Claude.

Clóde.

Digo:

— Acho melhor sermos só amigos.

É melhor ter caixas demais do que de menos.

Ele responde:

— Não me diga.

E me deixa ali.

Encontro Saz em uma velha mesa de piquenique, conversando com um grupo de pessoas que inclui Alannis e Mara, e também Yvonne Brittain-Muir, musicista e gamer, e sua namorada há uns trezentos anos, Leah Basco. Nas últimas semanas, Saz e eu imaginamos todos os cenários possíveis nos quais Yvonne larga Leah e confessa seu amor eterno por Saz. Ou pelo menos concorda em transar com ela.

Um dos caras passa um baseado, e outro está contando uma longa história sobre uma festa de faculdade a que foi no último fim de semana. Leah estende a mão para Yvonne — pálida como um fantasma ao luar, o cabelo amarelo comprido tingido de azul nas pontas — e elas passeiam até o celeiro da imoralidade, Saz as observa como se as duas tivessem acabado de atropelar seu cachorro.

Pergunto a ela:

— Quer ir embora?

Apesar de ainda não serem nem onze horas.

— Mais que qualquer coisa no mundo.

Passo o braço em volta dela e atravessamos o campo em direção à casa e à entrada comprida de cascalho onde deixamos o carro. No caminho, canto para Saz a musiquinha motivacional que inventamos quando tínhamos dez anos:

— Sorvete, sorvete, gelado, geladinho. Você vai esquecer ela rapidinho.

Uma figura solitária vem na nossa direção, e Saz cutuca minhas costelas.

— Para, sua louca, antes que alguém escute.

O que me faz cantar ainda mais alto, e a figura é iluminada pelo luar e é claro que é Wyatt Jones. Imediatamente, esqueço Saz e Yvonne e Shane e as caixas e todo o resto.

Wyatt vai embora logo, para o outro lado do país, para o outro lado do mundo, para a Califórnia e as garotas com cabelos longos e esvoaçantes e vestidinhos de verão. O que faz com que ele pareça mais alto e

destacado do restante de nós. Era para Saz e eu irmos para a Califórnia também, onde eu o encontraria e o conheceria melhor, estranhos em uma terra estranha, inicialmente conectados pelas raízes lamentáveis do Meio-Oeste, e então — aos poucos — nos tornando dois adultos experientes que descobrem que estão destinados um ao outro.

Wyatt olha nos meus olhos, e meus ossos parecem derreter. Corre um boato de que ele gosta de mim. Que queria me convidar para o baile, mas é tímido demais. Que o motivo pelo qual ele e três amigos cobriram minha casa de papel higiênico há dois meses é porque, de alguma forma, eu sou especial. Até que meu pai, o maratonista, os interrompeu e *correu atrás deles pelo bairro*. Desvio o olhar e encaro meus pés porque a lembrança ainda é humilhante.

— E aí — ele diz.

— E aí — respondo.

Me obrigo a voltar a olhar para ele. Olhos castanhos profundos, pele marrom-clara, ombros largos, boca sorridente. Embora meus lábios ainda estejam latejando de tanto beijar há coisa de *minutos*, quero as mãos dele em mim.

— Você está indo embora?

— Estou.

— Que pena.

Ele abre um sorriso largo, tão ofuscante quanto o sol, e tudo se dissipa exceto nós dois. O pai dele é negro, a mãe é branca, e ela morreu quando ele era bebê. Não se lembra dela, mas sempre diz que puxou seu sorriso.

Ele está dizendo outra coisa agora, mas sua fala é abafada pela música e pelas risadas e por alguém gritando. Viramos exatamente no mesmo instante, e é Kayla Rosenthal, que sempre grita nas festas. Ela está em pé em cima da mesa de piquenique, chacoalhando o copo como se fosse um irrigador humano.

Ele acena a cabeça na direção dela.

— E ela conseguiu uma bolsa de estudos da Notre Dame.

Dou uma risada um pouco exagerada.

— Você veio com o Waller? — ele pergunta.

— Não, mas ele está aqui em algum lugar.

Levanto a mão como quem diz *Quem liga*, e torço para que essas oito palavras insinuem tudo o que ele precisa saber: *Não dou a mínima para onde ele está porque ele não é nada para mim. É você, Wyatt. Sempre foi você.*

Ele dá mais um aceno com a cabeça, como se estivesse pensando.

— Ei, parabéns pela segunda nota mais alta da classe.

— Obrigada.

— Isso quer dizer que você vai fazer um dos discursos da formatura?

— O mais curto, mas sim.

Jasmine Ramundo vai discursar por dez minutos, mas eu só vou poder falar por cinco.

— Estou ansioso para ouvir.

Ele sorri e então faz uma coisa que sempre faz meu estômago estremecer — contempla o chão como se tivesse alguma coisa profunda e importante ali. Então levanta a cabeça e me encara.

— Vai ficar aqui no verão?

— Vou.

— Eu também.

Olhamos um para o outro, meu rosto cada vez mais quente, e só consigo pensar *Quero que você seja meu primeiro, Wyatt Jones. Se você me convidar para ir até o celeiro neste instante, eu aposto corrida com você até lá e tiro a roupa antes mesmo de chegar à porta.*

Ele tosse. Desvia o olhar. Olha para cima. Sorri.

— A gente se vê por aí então.

— A gente se vê.

Ele passa por mim, e é só uma festa comum cheia de pessoas comuns, e eu sou uma delas.

— A gente não precisa ir embora.

Eu viro e olho para Saz, surpresa. *De onde você surgiu?* Mas, apesar de querer ficar, vejo sua cara.

— De jeito nenhum.

Amigas em primeiro lugar. Sempre. Continuo cantando durante o resto do caminho até o carro.

Mais ou menos uma hora depois, estou deitada na cama pensando em Wyatt Jones. Em todas as coisas obscenas que quero que ele faça comigo. Meu quarto está carregado de escuridão, exceto pela lua, que faz tudo brilhar.

Fecho os olhos e ainda sou eu, deitada aqui com esse lençol amarelo de margarida e o pijama azul-marinho que ganhei no último aniversário, livros por toda parte porque desde os seis anos gosto de me enterrar em uma pilha deles.

Então eu sou eu, mas neste instante sou eu com Wyatt em cima de mim. Wyatt Jones, com pernas de jogador de futebol e ombros de nadador e cabelo que cheira a cloro e sol. Wyatt Jones, com olhos que queimam quando olham para você. Ele está em cima de mim. Embaixo de mim. Sua pele na minha. Minha boca na sua.

Meu corpo quente contra o lençol, e minha mão onde eu queria que a dele estivesse. Chuto os livros para longe e eles se espatifam no chão. Meu nariz começa a coçar e eu coço. Um fio de cabelo faz cócegas na minha testa e eu o assopro para longe. *Santo Deus.*

Respire.

Se concentre.

Wyatt.

Wyatt.

E aqui está ele de volta, nu em toda sua glória.

Wyatt.

Depois de um minuto, mil agulhinhas fazem minha pele formigar.

Ele diz *Você tem certeza?*

Mesmo com toda sua beleza, Wyatt Jones é famoso pela timidez. Quando ele fala, é uma voz suave e rouca e cuidadosa. Construí toda uma vida íntima para ele na minha cabeça, em que ele é gentil e em-

pático e sensível, mas forte o bastante para pegar uma garota — eu, especificamente — no colo e jogá-la na cama.

Sim, eu digo. SIM.

É você, Claude. Sempre foi você.

Para de falar, Wyatt. Para de falar agora mesmo.

As agulhinhas se espalham pelo meu corpo, e Wyatt se transforma no garoto que eu vi no avião um dia, que ficou me encarando diretamente enquanto avançava pelo corredor. Agora estou naquele avião, vestida de comissária — uma comissária estilosa, do tipo que faz voos internacionais. Batom vermelho, uniforme vermelho. Ou talvez azul-marinho porque combina melhor com meu cabelo de palhaço. Eu o sigo até o banheiro e ele me puxa para dentro e tranca a porta, e me levanta com suas mãos grandes e fortes e me coloca naquele balcãozinho, onde fica a pia, e eu o envolvo com as pernas.

Ao me beijar, com as mãos no meu cabelo, ele se transforma no Encapetado, o entregador de pizza. Estamos em seu Trans Am vintage, e o cheiro é de pizza e cigarros, mas eu não me importo porque arrancamos a roupa um do outro, e de repente ele se transforma no sr. Darcy.

Não. No sr. Rochester. Mas eu não sou Jane Eyre, eu sou eu vestindo uma roupa de equitação, e ele está me beijando à luz de velas. Estamos em frente à lareira, e de repente surge um tapete de urso, mas não sei muito bem por quê. *Tem um tapete de urso no livro?* Estou encarando o urso e o urso está me encarando de volta como quem diz *Sua assassina*, e é muito deprimente, então me livro do tapete e agora estamos deitados no chão, Rochester e eu, mas o frio está *congelante* porque Thornfield Hall, afinal de contas, é um castelo no interior da Inglaterra. Rochester providencia um cobertor, mas é tarde demais; eu o mando embora.

E agora é Wyatt de novo, caminhando despreocupado em minha direção como faz nos corredores da escola, e seus olhos estão grudados em mim, e são tão intensos e sérios que eu sei que é *agora*. E estamos no quarto dele e os pais dele não estão em casa, e as coisas desaceleram tanto que eu ouço minha própria respiração, curta e rápida, e quase

posso ouvir a dele quando ele olha nos meus olhos e eu vejo tudo — ele, eu, nós — refletido ali.

Ele diz *Claude*.

Claudine?

Claudine.

E eu posso senti-lo. Inteiro. E não me importa se qualquer parte de mim é grande ou pequena demais porque ele nem precisa dizer *Você é linda*. Ele já está dizendo.

E somos Wyatt e eu, mais próximos do que eu jamais estive de alguém, e meu corpo envolve o dele e se funde ao dele, e de uma vez só eu respiro, *Sim!*, enquanto meu corpo inteiro flutua. Sobee como um foguete e paira no ar, lançando fogos de artifício de todas as cores. Eu sou uma explosão de cor e fogo, e meu quarto gira iluminado. Um milhão de vaga-lumes acesos rodopiando e reluzindo ao meu redor, me mantendo no ar.

Quero morar aqui em cima, envolta por essa tempestade de luz cintilante. Quero que dure para sempre, mas um a um os vaga-lumes apagam e morrem. Tento pegá-los e ficar com eles, mas, delicadamente, me sinto descer flutuando de volta para a cama.

Aos poucos, a cama me absorve, da cabeça aos pés, e eu vou ficando mole e tranquila.

Abro os olhos e a única luz vem da lua. Meu corpo está pesado agora, tão pesado, e me sinto divagar nesse lençol de margarida, pensando que devia ter estudado mais para a aula do sr. Callum e não encontrei o pé esquerdo do tênis e não posso esquecer de levar a blusa verde da Alannis segunda. Então minha mente vaga até Shane e o celeiro e minha coxa úmida e vai que um pouco entrou em mim e eu engravidado e tenho um bebê e me caso com Shane Waller e fico morando em Ohio para sempre?

A última coisa de que me lembro ao pegar no sono, embaixo do lençol de margarida com o pijama azul-marinho, é Wyatt dizendo *A gente se vê por aí então*, o que pode significar qualquer coisa porque, hoje, o mundo inteiro ainda é possível.